

O projeto Aquamundam, que envolve entidades da Galiza e Portugal, visa a proteção do meio ambiente através da melhoria da gestão do ciclo da água em espaços transfronteiriços. Esse projeto ibérico é liderado pelo Instituto Tecnológico da Galiza, e inclui ainda, do lado espanhol, a entidade pública empresarial Águas de Galiza, a fundação Cartif e a Confederação Hidrográfica do Douro. Do lado de Portugal participam a Comunidade Intermunicipal (CIM) do Alto Minho e o Instituto Pedro Nunes (IPN).

Inserido no programa de cooperação Interreg VA Espanha-Portugal (POCTEP), que visa o desenvolvimento da maior fronteira da União Europeia, o Aquamundam tem a duração de dois anos e termina no final de 2019.

“Foi feita uma recolha de boas práticas na zona transfronteiriça e há um manual português, um manual espanhol e depois um documento conjunto [um estudo sobre a gestão da água na zona transfronteiriça de Portugal e Espanha] que já estão disponíveis na página do projeto”, disse Gouveia Leal, coordenador do Aquamundam no IPN na agência Lusa.

De acordo com o responsável daquele organismo localizado em Coimbra, estão ainda a ser desenvolvidos, em parceria entre o IPN e o Instituto Tecnológico da Galiza, quatro projetos-piloto de utilização de um sistema de gestão, que irão ser testados após as férias de verão – um em Portugal, pela CIM do Alto Minho, e os três restantes em Espanha, na Galiza e na zona do rio Douro.

O Aquamundam, que pretende fomentar o uso racional da água, através do desenvolvimento de novas metodologias e ferramentas e através da valorização de soluções e técnicas existentes, terá um relatório final apresentado no final do ano, que congrega toda a documentação produzida.

José Alfeu Marques, especialista em hidráulica, recursos hídricos e ambiente do departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, autor do manual português de boas práticas, disse que este resultou da sua experiência de “42 anos de ensino, projeto e investigação”, contribuições das dissertações de mestrado e doutoramento que tem orientado, e contributos de entidades gestoras de água e saneamento.

Questionado sobre os contributos que Portugal pode dar a Espanha, Alfeu Marques fez um paralelo com a atividade dos órgãos de comunicação social: “Da mesma maneira que os jornalistas têm de ter informação para terem notícia, no setor da água temos de conhecer a rede para melhor a gerir, é fundamental. E estas infraestruturas [de água e saneamento] são terríveis, porque estão enterradas, algumas com 40, 50, 100 anos. Nós temos redes de água com 100 anos e, portanto, a primeira coisa é ter um cadastro, ter informação”, lembrou o especialista.

O presidente da Águas do Centro Litoral, Nelson Geada, considera que o conhecimento adquirido no setor da água em Portugal “está na vanguarda da Europa”. Desde a década de 1980 existem em Portugal grupos de técnicos com muita experiência adquirida e que Portugal já esteve representado no comité principal da Associação Mundial da Água. Por outro lado, notou, o problema da água em Espanha “é um problema económico de enorme dimensão”.

“Espanha é um país agrícola por excelência, a agricultura é fundamental em Espanha e aqui não é. Resultado: em Espanha, o enfoque principal da investigação reside onde lhes dói mais, onde têm um problema mais agudo, que é na agricultura. Na parte do consumo humano estão adiantados também, têm trabalho feito desde os anos 80, mas já nessa altura a sensibilidade de Espanha era virada para o problema que têm na agricultura”, sublinhou.

Fonte agência lusa

Foto (3345408) uso gratuito em Pixabay